

ARTIGO

TREINAMENTO DE CÃO-GUIA E POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

CAPACITACIÓN PARA PERRO GUÍA Y POSIBILIDADES DE EDUCACIÓN NO ESCOLAR

GUIDE DOG TRAINING AND NON-SCHOOL EDUCATION POSSIBILITIES

Janaina do Nascimento Teixeira¹

Bruna Lammoglia²

RESUMO:

Esta pesquisa buscou investigar de qual maneira o Programa Cão-Guia do Instituto Magnus contribui para uma educação não escolar, relativa aos temas transversais, das famílias socializadoras. Para isso, optamos por efetuar uma pesquisa qualitativa com uma abordagem fenomenológica. Por se tratar de uma investigação com escasso conteúdo bibliográfico e uma necessidade de conhecimento pessoal para a construção do saber, foram realizadas entrevistas com os sujeitos de pesquisa envolvidos, de maneiras diferentes, no processo de formação de cães-guias. Após a realização das análises, trouxemos como resultado desta pesquisa a discussão das seguintes categorias abertas que lançam luz ao tema abordado: Transformações provocadas pela vivência com o cão-guia; Educação e trabalho com cão-guia; Natureza do trabalho com cão-guia; Sociedade e trabalho com cão-guia.

¹ Janaina do Nascimento Teixeira, Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (2013), concluiu MBA em Gestão de Marketing em 2017 e é Especialista em Temas Transversais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Salto. E-mail: janaina.n.t@gmail.com

² Bruna Lammoglia, doutora em Educação Matemática pela Unesp campus Rio Claro. Mestre em Matemática Aplicada pela Unicamp e licenciada em Matemática pela mesma instituição. Atualmente professora EBTT e coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Salto. E-mail: brunalammoglia@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Cão-Guia. Fenomenologia. Educação não escolar.

RESUMEN:

Esta investigación buscó investigar de qué manera el Programa Perro Guía del Instituto Magnus contribuye a una educación no escolar, relacionada con temas transversales, para las familias que hacen la socialización. Para esto, elegimos realizar una investigación cualitativa con un enfoque fenomenológico. Como se trata de una investigación con un escaso contenido bibliográfico y una necesidad de conocimiento personal para la construcción del saber, se han realizadas entrevistas con los sujetos de investigación involucrados, de diferentes maneras, en el proceso de capacitación de perros guía. Después de llevar a cabo los análisis, traemos como resultado de esta investigación las discusiones hechas sobre las siguientes categorías abiertas que arrojan luz a el tema abordado: Transformaciones causadas por la experiencia vivida con el perro guía; Educación y trabajo con perros guía; Naturaleza de trabajar con perros guía; Sociedad y trabajo con un perro guía.

PALABRAS CLAVE: Perro guía. Fenomenología. Educación no escolar.

ABSTRACT:

This paper sought to research which way Guide Dog Program of Magnus Institute contributes to a non-school education, related to transversal themes, about socializing families. With this aim, we chose to carry out a qualitative research with a phenomenological approach. Assuming this is an investigation with a scarce bibliographic content and its needing a personal insight to build the knowledge, interviews were carried out with the research subjects involved, in different ways, with the process of training guide dogs. After made the analyzes, we bring as a result of this research the discussions of these open categories that shed light on the topic addressed: Transformations caused by the live-experience with the guide dog; Education and working with a guide dog; Nature of working with a guide dog; Society and working with a guide dog.

KEYWORDS: Guide Dog. Phenomenology. Non-School Education.

1 - INTRODUÇÃO

Neste artigo, parte de uma pesquisa mais ampla elaborada por Teixeira (2019), nos propomos a apresentar maneiras por meio das quais programas sociais oferecidos por instituições de assistência social colaboram para a formação relativa

aos temas transversais, propostos pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN)³, em um ambiente diferente do escolar. De maneira mais específica, focamos em uma instituição sem fins lucrativos que atua na formação de cães-guias destinados a pessoas com deficiência visual.

Os PCN são um documento elaborado pelo governo brasileiro para normatizar conteúdos curriculares e conceitos relativos à formação escolar do educando com a intenção principal de orientar os educadores e garantir que os estudantes tenham acesso a determinados conhecimentos e possam exercer, a partir destes conhecimentos, a cidadania (BRASIL, 1997). Quando estudado os PCN juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, observa-se que não há intenção de criar disciplinas escolares para que esses assuntos sejam trabalhados, mas sim que sejam realizados de maneira interdisciplinar. Percebe-se também que há uma necessidade de se fazer a interdisciplinaridade colocando assuntos cotidianos que ultrapassam os muros escolares. Sendo assim, a intenção é unir a teoria trazida pelos documentos, à prática exercida por instituições que, por vezes, praticam interdisciplinaridade em suas atividades sociais.

Diante de um cenário de mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual⁴ e menos do que 200⁵ cães-guias trabalhando no Brasil, uma instituição de assistência social localizada em Salto de Pirapora, cidade a 25 km de Sorocaba, que é polo de uma Região Metropolitana do Estado de São Paulo, sentiu a necessidade de contribuir positivamente para mudança deste cenário.

O Instituto Magnus, iniciativa sem fins lucrativos que compõe o grupo Adimax, empresa que produz alimento para cães e gatos, nasceu para atender várias necessidades sociais da comunidade e, após a construção de um Centro de Treinamento de Cães-Guias, inaugurou sua primeira atividade como sendo o

³ Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) compreendem seis áreas constituídas como Temas Transversais: Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade), Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis) , Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental) , Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade Cultural (Pluralidade Cultural e a Vida das Crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o Ser Humano como agente social e produtor de cultura, Pluralidade Cultural e Cidadania) e Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania).

⁴ Segundo Censo 2010, constatou-se que há, no Brasil, aproximadamente 528.624 pessoas cegas e 6.056.684 pessoas que enxergam com grande dificuldade. Informações colhidas do site <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/indicadores/censo-2010>, acessado em 24/03/19 às 17h40.

⁵ Dados obtidos através de matérias veiculadas em mídias online com entrevistas com Centro de Treinamentos de Cães-Guias.

treinamento de cães para doar para pessoas com deficiência visual. Para que possa realizar essa atividade, há uma dependência exclusiva da colaboração voluntária da comunidade para participação da primeira fase do treinamento de cães da raça Labrador ou *Golden Retriever*, ao acolherem, quando ainda filhotes, em sua casa e rotina, ensinando-os sobre convivência social, obediência, comportamento e noções de mundo, o que o permitirá, no futuro, guiar uma pessoa com deficiência visual. A essas pessoas é dado o nome de socializadores voluntários ou famílias socializadoras.

Estudos realizados fora do Brasil identificam relatos de mudanças da posição social da pessoa com deficiência visual devido a utilização do cão-guia e ressalta ainda a importância do treinamento do cão para que esse benefício se efetive, trazendo aumento da autoestima da pessoa cega e maior qualidade de vida.

Pelo déficit de informações regulamentadoras sobre o cão-guia bem como de educação não-escolar referente aos temas transversais, a proposta desta pesquisa também foi gerar conteúdo bibliográfico sobre a formação dos cães, e, principalmente, do processo participativo dos voluntários para obtermos uma sociedade sustentável e inclusiva através desta tecnologia assistiva (o cão-guia). Buscamos trazer uma perspectiva apresentada como uma nova possibilidade, baseada no fato de se trabalhar educação relativa a esses temas com pessoas de todas as idades e realidades, não necessariamente na sala de aula. Para construção deste conhecimento, escolheu-se trabalhar a partir de uma perspectiva fenomenológica, nos valendo de pesquisa bibliográfica. Foram realizadas leituras de cunho institucional de escolas de cães-guias do Brasil e do mundo para nortear entrevistas com pessoas que participam deste processo com óticas diferentes: voluntários socializadores, instrutor reconhecido pela IFGD (*International Guide Dog Federation*), funcionária responsável pela socialização e ex-aluno da especialização em treinamento de cão-guia.

Pela relevância do trabalho social, sentiu-se a necessidade de entender se há uma formação humana complementar, no sentido de educação não escolar, através do envolvimento da comunidade em relação à inclusão social das pessoas com deficiência visual. Entendemos que o fato de o Instituto Magnus estar formando cães-guias para pessoas com deficiência visual poderia fazer com que os voluntários de socialização se aproximassem de uma realidade com a qual não

tinham contato antes, assim, tornando-se território com potenciais riquezas a serem exploradas por nossa pesquisa.

Apresentaremos a seguir o desenvolvimento da pesquisa, a qual, por incluir entrevistas e análises com seres humanos, foi submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada sob o CAAE de número: 17805819.1.0000.5473. Somente após a aprovação, realizamos os procedimentos metodológicos fundamentados na fenomenologia, que nos permitiu a interpretação em categorias abertas que nos trouxeram luz ao tema abordado.

2 – TREINAMENTO DE CÃO-GUIA

Numa contextualização histórica a respeito do cão-guia no Brasil, devemos esclarecer que há uma legislação específica⁶ que, além de dispor sobre o acesso e permanência dos usuários, cães e agentes envolvidos na formação do cão, também exige a formação de uma comissão⁷ para avaliar o cumprimento das atividades para desenvolvimento do trabalho e controle da profissão de cão-guia. Porém, desde a promulgação da lei, em 2006, a comissão não foi formada, deixando uma lacuna no que diz respeito a fiscalização e garantia de direitos sobre sua aplicação.

Em 2014 houve uma iniciativa⁸ do Governo Federal em disponibilizar verba para construção de Centros de Treinamento de Cão-Guia nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia⁹, doravante denominado Institutos Federais, porém após a troca de governo a verba foi cortada e as atividades não tiveram sequência devido à falta de investimento¹⁰. Atualmente, os dois únicos Institutos Federais que continuam com este trabalho por oferecer um curso de pós-graduação em nível de

⁶ Lei 11.126/2005 e decreto 5904/2006.

⁷ De acordo com o decreto 5904/06, o qual regulamenta a lei, a comissão será composta pelos seguintes especialistas: I - representantes de entidades de e para pessoas com deficiência visual; II - usuários de cão-guia; III - médicos veterinários com registro no órgão regulador da profissão; IV - treinadores; V - instrutores; e VI - especialistas em orientação e mobilidade.

⁸ Programa Viver Sem Limites. DECRETO Nº 7.612, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. Juntamente, há uma súmula que discorre sobre o programa, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622014000200263#fn01

O documento original está disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br>

⁹ Instituídos pela lei 11892 de 29 de dezembro de 2008.

¹⁰ No site Portal da Transparência informa os investimentos em cada área e região nos últimos anos, porém quando pesquisado sobre a cidade de Camboriú, por exemplo, onde está instalado um IF destinado ao treinamento de cães-guias, entre outras atividades, há um total de 0,0% de gastos com a unidade. Informação disponível em: <http://www.portaldatransparencia.gov.br/programas-de-governo/01-viver-sem-limite?ano=2019>

especialização aos interessados em serem treinadores e instrutores de cães-guias são as unidades de Camboriú (SC) e Urutaí (GO), porém com métodos e diretrizes diferentes do que se é reconhecido internacionalmente. Ante o exposto, a entrega de cães treinados às pessoas com deficiência visual ainda é baixa, diante da quantidade de pessoas que desejam utilizar desta tecnologia assistiva no país.

Além das iniciativas públicas que formam novos profissionais, existem duas instituições sem fins lucrativos que realizam o trabalho de treinamento e entrega de cães-guias no Brasil, o Instituto Magnus e a Helen Keller, situada em Balneário Camboriú (SC). Essas, seguindo os parâmetros da Federação Internacional de Cão-Guia, a IGDF, formada em 1989, a qual regulamenta, certifica e orienta profissionais das escolas de treinamento dos cães-guias no mundo todo.

3 – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Conforme já mencionado, nesta pesquisa buscou-se entender de qual maneira o programa cão-guia do Instituto Magnus contribui para educação não escolar relativa aos temas transversais das famílias socializadoras e, para isso, optamos por efetuar uma pesquisa qualitativa com uma abordagem fenomenológica, que permite a descrição rigorosa do fenômeno ao qual nos voltamos, desvelando sentidos e significados que ampliam nossa compreensão do ente pesquisado.

Graça (2000), explica que:

Em se tomando o referencial da fenomenologia na trajetória metodológica é pertinente afirmar que os objetos são intencionados pela consciência de um sujeito percebido que vive e interroga as coisas do mundo. E é na experiência desse corpo vivido, no seu encontro com o mundo que se vai buscar a descrição onde se ressaltará, em sua essência, o fenômeno que se estuda. Através do relato do sujeito é que se pretende descobrir como este se percebe como um ser no mundo, o sentido que ele dá às situações em que se encontra envolvido. A sua expressão é o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida. É a partir da subjetividade do discurso, trabalhando com as experiências do pensar e do agir dos sujeitos, que se procura chegar à objetividade descritiva, na crença de que tudo que é objetivo agora, foi antes pensado e, portanto, subjetivo. Subjetividade reconhecida como importante e desejada na abordagem fenomenológica de pesquisar, porque é ela, acrescenta Fini, que permite alcançar a objetividade (GRAÇA, 2000, p. 29).

Segundo Lammoglia (2013, p. 172), a fenomenologia orienta a ação de efetivarmos rigorosos procedimentos, nos indica maneiras de focar a educação como fenômeno e, “mediante o movimento de reduções sucessivas e de articulações reflexivas com base em análises efetuadas de maneira crítica, constituir características essenciais do fenômeno investigado”.

Por se tratar de uma investigação com escasso conteúdo bibliográfico e uma necessidade de conhecimento pessoal para a construção do saber, foi necessário realizar entrevistas com os sujeitos de pesquisa envolvidos, de maneiras diferentes, no processo de formação de cães-guias. Após a realização das entrevistas qualitativas, fizemos a transcrição das mesmas e seu conteúdo lido e relido inúmeras vezes, em busca de unidades que fizessem sentido para nossa investigação. Desenvolvemos um quadro para organizar as ideias principais reveladas nas falas dos sujeitos de pesquisa, as quais fizessem sentido ao foco da pesquisa. Os trechos com as falas dos sujeitos de pesquisas foram selecionados em Unidades de Sentido:

Em seguida, identificamos termos que faziam parte de um contexto e que entendemos como necessários de serem explicitados e compreendidos, a eles chamamos de enxerto hermenêutico. Usaremos o sentido de interpretação hermenêutica, que, segundo Bicudo (1993)

Não se atém a uma interpretação estrutural do texto [...] mas procura pelo significado do texto no contexto em que ele emerge, nas experiências vividas por aquele que o lê e o interpreta, tanto à luz do seu real vivido como à do encontro histórico dessa vivência e tradição (BICUDO, 1993, p.64).

Logo após, reescrevemos, agora com as palavras da pesquisadora, incorporando os termos explicados no enxerto hermenêutico, ou seja, contextualizado de acordo com o havia sido mencionado anteriormente pelo entrevistado, nomeando essa nova escrita como Unidades de Significado (US). Esse movimento é chamado de Análise Ideográfica, e resultou em 105 US. Como exemplo trazemos o Quadro 1 para expor a Análise Ideográfica, contendo Unidade de Sentido, Enxerto Hermenêutico e Unidade de Significado:

Quadro 1 – Exemplo da Análise Ideográfica.

Fonte: TEIXEIRA (2019)

Seguindo o movimento de reduções, realizamos a análise nomotética¹¹, na qual buscamos articular as US em invariantes convergentes ou mais abrangentes com o objetivo de expor categorias. Dessa forma, realizamos o movimento de três reduções para agrupar em grandes assuntos convergentes que fazem sentido em relação à interrogação apresentada.

As categorias abertas são interpretadas e analisadas à luz da pergunta da pesquisa, das leituras de textos de autores significativos, das reflexões da pesquisadora e de seus pares (BICUDO, 2000), construindo-se um discurso compreensivo e esclarecedor sobre o fenômeno investigado, na dimensão dos solos histórico, social e cultural em que seu sentido se faz. (LAMMOGLIA, 2013, p.181)

Destacamos que o movimento de redução, em fenomenologia, não é entendido, na dimensão do significado presente em linguagem do senso comum, como uma simplificação de uma situação ou de um discurso complexo. Porém, diz de todo o movimento intencional em que se vai do destacado (fenômeno) de um solo histórico-cultural, buscando compreender, na rede de sentido e de significados que o envolve, seus aspectos característicos.

Após a realização das análises ideográfica e nomotética, esta última

Unidade de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidade de Significado
Ah mudou muito! Não tem como você socializar um cachorro e não mudar.	<u>Mudou</u> : A rotina da família transformou com a vinda do cão para socialização.	A rotina da família mudou depois da chegada do Elvis.

composta do movimento de três reduções, trazemos as seguintes categorias abertas que lançam luz ao tema abordado: Transformações provocadas pela vivência com o

¹¹ A palavra nomotético deriva-se do termo nomos, que significa uso de leis. Indica a elaboração de leis, portanto indica algo de caráter legislativo que se origina de fatos ou que se baseia em fatos. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 106).

cão-guia; Educação e trabalho com cão-guia; Natureza do trabalho com cão-guia; Sociedade e trabalho com cão-guia.

4 – RESULTADOS DA PESQUISA

Analisando as categorias abertas às quais o movimento de pesquisa nos encaminhou, percebemos que o tema cão-guia desperta diversas perspectivas, o que nos permite observar a transversalidade como objeto de educação humana no processo formativo do cão. Entendemos esta investigação como contribuinte de uma pesquisa sólida sobre novas perspectivas de formação em relação aos temas transversais em ambientes não escolares, por meio de um trabalho colaborativo social. A seguir, exporemos as categorias abertas que mostram o resultado de nossa investigação.

4.1 – Educação e trabalho com cão-guia

A possibilidade de receber conhecimento, compartilhar e transformar a maneira como se enxergam diferentes situações envoltas ao cão-guia, é aqui considerada como educação. Durante o trabalho da socialização, os voluntários têm acesso a conhecimentos diversos, seja em relação ao cachorro, ao cão-guia, à deficiência visual ou à pessoa com deficiência. São dinâmicas e vivências oferecidas e experimentadas pelos voluntários, que trazem essa aprendizagem em diferentes momentos, além da troca de posição para o ensinar tudo o que se aprendeu para outros sujeitos que participam direta ou indiretamente da formação do cão, criando uma sociedade conhecedora das necessidades para a boa convivência entre o homem e o animal. Na socialização, mais do que ‘cuidar’ de um cão, também se amplia o repertório social tornando uma relação com viés andragógico, o qual permite que o processo de ensino-aprendizagem de diferentes questões seja efetivado.

Buscando entender o que é educação, assumimos uma interpretação da concepção freireana:

Para Freire, há duas definições de educação: uma geral e outra específica. A geral é: educação é uma concepção filosófica e/ou científica acerca do

conhecimento colocada em prática. A específica depende da concepção de conhecimento freireana: o conhecimento é um processo social criado por meio da ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade. (COSTA, 2015, p. 72)

Entendemos o ato de socializar um cão-guia filhote ou ser impactado de alguma maneira por esse trabalho de formação do cão, como uma ação que permite uma reflexão e transforma a realidade e, nesse sentido, pode ser compreendida como possibilidade de educação.

Além disso, "ação-reflexão transformadora" colocada por Freire (1999) também pode ser interpretada na fala dos entrevistados quando colocam o nível aumentado de percepção sobre a existência e realidade do outro. Dentre vários relatos, alguns comparam a ação realizada na socialização como uma "vacina", através da qual a ação do socializador é a aplicação inicial para criação de anticorpos e, quando um usuário com cão-guia passar pelo mesmo local e situação, o efeito seja diferente, menos nocivo.

Evidenciando essa compreensão, compartilhamos uma fala sobre o aprendizado que se realiza na prática: *"...é uma fase em que a gente tem que ir nos estabelecimentos, a gente tem que explicar a lei, a gente tem que passar as mesmas dificuldades que um usuário de cão-guia passa na hora de pegar um carro por aplicativo ou de entrar em algum estabelecimento, enfim... e aí você é um porta voz da lei, né?! E dos direitos da PCDV e do cão-guia.... Acaba causando um impacto na sociedade através das pessoas com quem você vai cruzando nesse meio tempo e vai podendo disseminar essas informações. Acho que através da informação, da educação, você acaba impactando a sociedade positivamente."*¹²

O aprendizado sobre as especificidades da deficiência e do cão são assuntos aprendidos e disseminados durante o processo de socialização e o compartilhamento dessas informações é a transformação humana sobre a realidade e a reinvenção dela - reinvenção no sentido de fazer diferente com as novas informações que se tem -, colocada por Freire na mesma obra citada.

4.2 – Transformações provocadas pela vivência com cão-guia

¹² Sujeito de Pesquisa 5; IR.9; IR.12; IR.27

Segundo os documentos dos PCN (BRASIL, 1997), o objetivo dos temas transversais quando propostos, não é de criar novas disciplinas escolares, mas sim criar espaços de debates em meio aos assuntos disciplinares de maneira didática e adequada para o ambiente escolar. Fora do ambiente escolar, percebeu-se nos sujeitos de pesquisa, uma iniciativa em, não apenas receber novas informações e repensar suas próprias concepções, mas também de compartilhar este conhecimento que geram outros assuntos e acabam mudando a prática social de se vivenciar determinadas situações.

Alguns sujeitos de pesquisa com pessoas em idade escolar na família relataram uma carência desses debates no ambiente escolar e outros ainda geraram uma percepção diferente sobre a pessoa com deficiência e sentiu-se motivado a realizar a mudança também. O relato de SP2 sobre a irmã, traz que: *“Ela participou de uma comissão especial de acessibilidade, uma coisa também que ela nunca tinha pensado na vida. Ela começou a conhecer gente que não enxerga, então ela teve que aprender a interagir. Eu saía com gente que não enxergava e minha irmã estava junto, então ela tinha que... né?! Então tudo isso é consequência de um ato, puro e simples, né?! Eu fui aprender a fazer isso.”*¹³

Há uma mudança de rotina e de comportamentos, os quais, invariavelmente, modificam também as concepções de vida das pessoas que estão nos processos ou são impactadas por ele. A família voluntária que participa do programa está participando de uma mudança social em proporções que muitas vezes ela não imagina. Se fez notória a percepção de que, apesar de haver uma mudança para quem recebe este cão-guia formado, a primeira pessoa a receber algo positivo é a que trabalha voluntariamente com o cão-guia. Segue um relato que corrobora a análise exposta: *“Uma usuária de cão-guia chamada Olga agradeceu de maneira muito bonita e mesmo não socializando o cão-guia que hoje está com ela, ela explicou que esta atitude garante que exista a possibilidade de maior independência para outra pessoa”*¹⁴

4.3 – Sociedade e trabalho com cão-guia

¹³ Sujeito de Pesquisa 2; IR. 5; IR.20

¹⁴ Sujeito de Pesquisa 1; IR.1; IR.14.

O paralelo entre sociedade e cão-guia se faz pela forma como a sociedade está recebendo informações para inclusão, ou vivenciando-as, através dele.

Nobert Elias (1994) explica que o vínculo que se estabelece entre indivíduos vivendo em sociedade é uma relação de interdependência. Ao assumir que há essa interdependência entre indivíduo e sociedade, há papéis necessários que a sociedade, como grupo, assume frente às atitudes individuais, contudo a ação individual precisa ser realizada. Sobre isso, recebemos relatos que seguem neste sentido: *“A sociedade entra como responsável por essa socialização a partir do momento que ela entende que ela não deve ficar chamando a atenção do cão.”*¹⁵

Com essas relações interdependentes pode haver uma mudança na sociedade, e sobre isso, Cancian, cientista social que realizou uma releitura sobre as obras de Nobert Elias, coloca as explicações do autor:

Segundo ele, a mudança social decorre do fato de que as cadeias de interdependência modificam-se. A teoria sociológica denomina esse processo de diferenciação e integração. As cadeias de interdependência se tornam mais complexas - e à medida que o grau de complexidade aumenta, antigas formações sociais são solapadas por uma nova. Esse é o critério para caracterizar diferentes formações sociais, que dão origem a uma nova estrutura de mentalidade. (CANCIAN, 2013, p. 3)

Segundo os estudos de Elias (1994), há uma relação sobre o processo civilizatório e as mudanças na interdependência humana, denominadas por ele como evolução. Essa mudança de mentalidade levada à evolução foi percebida na seguinte fala: *“Eu me vejo como uma pessoa tentando fazer um bem maior na sociedade. Eu quando pego então um cão-guia eu penso no deficiente visual no primeiro lugar, então eu acho que estou fazendo a minha parte na sociedade enquanto voluntária enquanto ajudar o próximo.”*¹⁶

Com isso em vista, não necessariamente realizando o trabalho prático com o filhote, mas participando através da receptividade a tais informações, forma-se uma relação de interdependência e construção do processo de integração. A conclusão se faz em duas colocações dos depoentes quando explicam que: *“A sociedade entra como responsável por essa socialização a partir do momento que ela entende que*

¹⁵ Sujeito de Pesquisa 1; IR.12.

¹⁶ Sujeito de Pesquisa 4; IR.1; IR.5; IR. 10.

ela não deve ficar chamando a atenção do cão.”¹⁷ e “Eu acho assim, cego passou a ser mais conhecido, mais entendido, a cegueira mudou.”¹⁸.

4.4 – Natureza do trabalho com cão-guia

Apesar de não haver uma natureza definida, é possível identificar algumas características que delineiam a natureza do trabalho com cão-guia. Através da pesquisa realizada, foi observado que este tipo de trabalho não é dedicado exclusivamente ao cão ou à pessoa, independente do momento da formação. Os dois agentes (cão e pessoa) estão diretamente envolvidos a todo tempo e, então, além de ser necessário um trabalho técnico específico com o cão para que se torne cão-guia, há também uma grande necessidade de se trabalhar com as pessoas.

A especialidade dos agentes que contribuem para esta causa são adquiridas em diferentes ambientes que não necessariamente o acadêmico – que também é necessária, mas não somente –, para realizarem a atividade com a inteireza que ela precisa: *“Você tem que assumir uma série de papéis ao longo da sua carreira, que isso você não consegue sentar atrás, com um professor ali na frente, você estuda várias questões do comportamento humano e animal, mas na hora de aplicar, se você não tiver, eu não sei se empatia com os outros, não vinga muito.”¹⁹.*

Os aprendizados, inicialmente pensados enquanto disciplinares, agora são compreendidos transversalmente na prática: *“Ah, acho que como cidadania mesmo, né?! Que entraria... a gente aprender a respeitar a sociedade, também conviver com a sociedade.”²⁰.*

Em grego, natureza significa "*physis*", ou seja, natureza enquanto fonte de evolução, ação de produzir e de fazer nascer. O que se percebe é que esta atividade está sendo construída no Brasil e as características estão se constituindo conforme o desenvolvimento das atividades, mas que nos mostram horizontes para a evolução já definida no Grego como "*physis*".

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁷ Sujeito de Pesquisa 1; IR.12.

¹⁸ Sujeito de Pesquisa 2. IR.12; IR.14; IR.21.

¹⁹ Sujeito de Pesquisa 2. IR.11; IR.16.

²⁰ Sujeito de Pesquisa 4. IR.19; IR.15.

Segundo o último censo realizado, há, no Brasil, quase sete milhões de pessoas com deficiência visual. Historicamente, essas pessoas são vistas com preconceitos e a partir de estereótipos que muitas vezes as inferiorizam. São pessoas estigmatizadas como incapazes e limitados. Segundo Ventura (2001) o sentimento de superioridade de pessoas com características diferentes de pessoas com deficiência visual fica evidentes nas expressões “tão bonitinho e cego”, “pobrezinho coitado” e “coitado do ceguinho”. Ventura ainda diz que:

[...] preconceito e a discriminação não se corrigem só pelo uso bem comportado da linguagem, por mais importante que ela seja como portadora de clichês e estereótipos. Não adianta evitar palavras e expressões como “denegrir”, “judiar”, “cego de raiva”, sem mudar a cabeça. Assim, como retórica, o politicamente correto serve apenas para disfarçar o preconceito e tornar o nosso racismo mais cordial. (VENTURA, 2001 apud BRUMER, A. PAVEI; MOCELIN, 2004, p. 307).

Em estudos encontrados fora do Brasil, identificam-se relatos a respeito da mudança de perspectiva através do cão-guia. A Federação Francesa de Cães-Guias nos traz que:

Para todos os utilizadores de cão-guia a constatação é evidente: se ele oferece maior autonomia nas deslocções, o cão é também um vetor de comunicação e de socialização formidável que coloca a deficiência para segundo plano (FFAC, 2011).

Ainda nesse estudo, fala-se também sobre a importância do treinamento desse cão para que seja possível o desenvolvimento do trabalho de guia no futuro e para que se efetivem esses benefícios relatados.

Para isso, as famílias socializadoras são fundamentais em todo o processo e, conhecendo a realidade da pessoa com deficiência visual, compreende, colabora, aprende e ensina também sobre todo este cenário. O engajamento nesse trabalho de socialização vai além do cão, mas perpassa a educação relativa aos temas transversais fora da sala de aula e dentro da sociedade. Quando se engaja mais pessoas para o desenvolvimento do trabalho, a conscientização se torna pequena frente à educação, colaboração e exercício de cidadania.

Pela falta de dados e de material bibliográfico no Brasil que explore a temática do treinamento de cão-guia e sobre educação não-escolar referente aos temas

transversais, buscamos, através deste estudo, trazer uma perspectiva de educação fora da sala de aula ou do ambiente escolar tradicional, apresentando uma nova possibilidade, baseada no fato de se trabalhar educação relativa a esses temas com pessoas de diferentes idades e realidades.

Além disso, percebemos que a temática de um trabalho social voluntário institucionalizado que atua com inclusão de pessoas com deficiência visual através da entrega de uma tecnologia assistiva enquanto prática de educação ainda é pouco pesquisada. Dessa forma, apontamos que este estudo também pode ser um orientador para desenvolvimento de práticas de sala de aula ou educação fora do contexto escolar no sentido de formar cidadãos de maneira ampla, contribuindo com o desenvolvimento de competências colaborativas, empáticas e de efetiva participação social.

Com tais diálogos, não apenas foi possível atender ao objetivo da investigação, mas também interagir com reflexões acerca do trabalho social, em sua essência - não somente com o cão-guia. Deste "tema" emergem várias reflexões teórico-escolares e prática-sociais, apesar de não tão evidente, mas com grande potencial exploratório em diferentes sentidos. Parte deste trabalho tomou como base o livro de Paulo Freire *Educação como Prática da Liberdade*. (FREIRE,1999) e no livro, assim como citado neste trabalho, Freire fala do poder transformador do homem e da sociedade através de um diálogo e de uma reflexão social, com todos, não excludente.

Entendemos, que as possibilidades de vivências proporcionadas a diversos agentes pela participação no Programa Cão-Guia, faz experimentar não apenas a transversalidade como assunto indicado nos PCN, mas também na mudança social e cotidiana, integrando a vida como um todo, ultrapassando os muros escolares e alcançando famílias inteiras, letradas ou não, como algo universalizador e integrativo, com ganhos dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A Hermenêutica e o Trabalho do Professor de Matemática. *Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos*, São Paulo, v. 3, n. 3, p.63-95,1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> . Acesso em: 30 jun. 2019.

FFAC. *Fédération Française des Associations de Chiens Guides D'aveugles*. Disponível em: www.chiensguides.fr/site/accueil/index.phpsite . Acesso em: 05. Fev. 2019.

CANCIAN, Renato. Norbert Elias - *Os Processos Sociais - Interdependência e Mudança Social*. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/norbert-elias---os-processos-sociais-interdependencia-e-mudanca-social.htm> . Acesso: em 01 nov. 2019.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizatório – vol. I – Uma história de costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz eTerra, 1999.

GRAÇA, Artioli Maria., *Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica*. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/remo.org.br/pdf/v4n1a06.pdf> . Acesso em: 30 mai. 2020.

MARTINS, Joel.; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.

LAMMOGLIA, Bruna. *O sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo (SARESP) em escolas da rede estadual de ensino*. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102142/lammoglia_b_dr_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 30 mai. 2020.

TEIXEIRA, Janaina Nascimento. *Temas Transversais e Educação Não Escolar: Contribuições do Programa Cão-Guia. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Temas Transversais)*. Instituto Federal de São Paulo. Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/AloCg0HtwA7q4g9#pdfviewer> . Acesso em: 06 abr. 2020

VENTURA, Zuenir. *Conversa de cego*. O Globo, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em <http://www.ethelrosenfeld.com.br/outrosautores03.htm> . Acesso em: 27 dez. 2020.